



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS DE CODÓ
CURSO DE LICENCIATURA INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS/
HISTÓRIA

NATÁLIA MIRANDA DA CRUZ

**DIVERSIDADE SEXUAL NAS ESCOLAS: AS REPRESENTAÇÕES DOS
LGBTQIAPN+ NOS LIVROS DIDÁTICOS DE SOCIOLOGIA (PNLD, 2018 e 2026)**

CODÓ-MA
2026

NATÁLIA MIRANDA DA CRUZ

**DIVERSIDADE SEXUAL NAS ESCOLAS: AS REPRESENTAÇÕES DOS
LGBTQIAPN+ NOS LIVROS DIDÁTICOS DE SOCIOLOGIA (PNLD, 2018 e 2026)**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura Interdisciplinar em Ciências Humanas/História, da Universidade Federal do Maranhão/UFMA, Centro de Ciências de Codó, como requisito obrigatório para obtenção do Grau de Licenciada em Ciências Humanas/História.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Jascira da Silva Lima

CODÓ-MA
2026

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Cruz, Natália Miranda da.

Diversidade sexual nas escolas : as representações dos LGBTQIAPN+ nos livros didáticos de sociologia PNLD, 2018 e 2026 / Natália Miranda da Cruz. - 2026.

43 p.

Orientador(a): Jascira da Silva Lima.

Monografia (Graduação) - Curso de Ciências Humanas - História, Universidade Federal do Maranhão, Codó - Maranhão, 2026.

1. Educação. 2. Diversidade Sexual. 3. Livro Didático. 4. Lgbtqiapn+. 5. Representação. I. Silva Lima, Jascira da. II. Título.

NATÁLIA MIRANDA DA CRUZ

**DIVERSIDADE SEXUAL NAS ESCOLAS: AS REPRESENTAÇÕES DOS
LGBTQIAPN+ NOS LIVROS DIDÁTICOS DE SOCIOLOGIA (PNLD, 2018 e 2026)**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura Interdisciplinar em Ciências Humanas/História, da Universidade Federal do Maranhão/UFMA, Centro de Ciências de Codó, como requisito obrigatório para obtenção do Grau de Licenciada em Ciências Humanas/História.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Jascira da Silva Lima

Aprovado em 27 / 07 / 2026

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. Dr^ª. Jascira da Silva Lima
Universidade Federal do Maranhão, Centro de Ciências de Codó
(Orientadora)

Prof^ª. M^a. Emanuelle Karennyne Mota Chaves
Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Maranhão - IFMA
(Examinadora 1)

Prof^ª. Esp. Karla Simone da Silva Costa
Mestranda do Programa de Pós-graduação em Ensino na Educação Básica –
PPEB/CCCO/UFMA
(Examinadora 2)

RESUMO

O presente trabalho consiste numa pesquisa de caráter bibliográfico e exploratório sobre a diversidade sexual nas escolas e as representações dos LGBTQIAPN+ nos livros didáticos de sociologia. O objetivo da pesquisa é analisar como os LGBTQIAPN+ estão sendo representados nos livros didáticos de sociologia aprovados pelo Programa Nacional do livro e do Material Didático (PNLD) de 2018 e 2026 utilizados na escola estadual Centro de Ensino Colares Moreira, localizada na cidade de Codó, no estado do Maranhão. O percurso metodológico passou pelo levantamento bibliográfico, seleção, leitura e análise do livro didático, (Bardin, 2016). As análises estão alicerçadas em autores que discutem sobre a diversidade sexual nas escolas (Santos, 2018); o ensino de sociologia (Cofré; Bortoloto, 2020); o movimento LGBTQIAPN+ (Facchini, 2003, 2005 e Reis, 2007); e a introdução dos LGBTQIAPN+ nos livros didáticos (Silva, 2020), além de documentos oficiais do Ministério da Educação e Saúde. Os resultados indicam que há diferentes identidades e sexualidades presentes nos livros didáticos. Há representações positivas quanto as discussões e uso de imagens, entretanto, nem todas ganham os mesmos destaques, além de estarem inseridas em eixos temáticos específicos. Conclui-se que, apesar dos avanços, ainda há a necessidade de ampliar e aprofundar as discussões com relação a diversidade dessas identidades, para que assim haja o respeito e a inclusão dessas pessoas.

Palavras-chave: Educação, Diversidade Sexual, Livro Didático, LGBTQIAPN+, Representação.

ABSTRACT

This work consists of research of a bibliographic and exploratory nature on sexual diversity in schools and the representations of LGBTQIAPN+ individuals in sociology textbooks. The objective of the research is to analyze how LGBTQIAPN+ individuals are being represented in the sociology textbooks approved by the National Program of Textbooks and Educational Materials (PNLD) of 2018 and 2026, used at the Centro de Ensino Colares Moreira state school, located in the city of Codó, in the state of Maranhão. The methodological approach involved bibliographic survey, selection, reading, and analysis of the textbook (Bardin, 2016). The analyses are based on authors who discuss sexual diversity in schools (Santos, 2018); the teaching of sociology (Cofré; Bortoloto, 2020); the LGBTQIAPN+ movement (Facchini, 2003, 2005; and Reis, 2007); and the introduction of LGBTQIAPN+ in textbooks (Silva, 2020), in addition to official documents from the Ministry of Education and Health. The results indicate that there are different identities and sexualities present in textbooks. There are positive representations regarding discussions and the use of images; however, not all receive the same prominence, and they are included within specific thematic axes. It is concluded that, despite the progress, there is still a need to expand and deepen discussions concerning the diversity of these identities, so that there can be respect and inclusion for these individuals.

Keywords: Education, Sexual Diversity, Textbook, LGBTQIAPN+, Representation.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	7
DIVERSIDADE SEXUAL NAS ESCOLAS E O ENSINO DE SOCIOLOGIA	8
Escola como espaço para as diferentes sexualidades	8
Sociologia, a disciplina que discute os temas tabus	11
O MOVIMENTO LGBTQIAPN+ E A LUTA PELO DIREITO DE EXISTIR.....	14
OS LGBTQIAPN+ NOS LIVROS DIDÁTICOS	17
RESULTADOS E DISCUSSÃO	35
CONSIDERAÇÕES FINAIS	39
REFERÊNCIAS	40

INTRODUÇÃO

O presente estudo aborda dentro do tema da diversidade sexual nas escolas as representações das Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Transgêneros, Travestis, *Queer*, Intersexo, Assexuais, Pansexuais, Não binários e + (mais) (LGBTQIAPN+) nos livros didáticos de sociologia do ensino médio do Programa Nacional do Livro e do Material Didático - PNLD dos anos de 2018-2020, e 2026-2029, utilizados pela escola estadual Centro de Ensino Colares Moreira, localizada na cidade de Codó, no estado do Maranhão. A referência a escola se faz necessária pelas garantias de que os livros didáticos analisados foram/são utilizados por escolas públicas.

Em contextos contemporâneos podemos observar diversos grupos minoritários ocupando espaço na sociedade e se incluído em diversos âmbitos sociais como é o caso das pessoas LGBTQIAPN+. Desde a década de 1970, quando ainda eram reconhecidas pelas expressões gays ou LGBT¹, essas identidades se mostraram abertas e ativas na participação social, assim vem reivindicando reconhecimento, respeito, direito, inclusão e representatividade. Hoje, é possível perceber a presença dessas pessoas em setores empresariais, jornalísticos, político, artísticos, educacional, etc.

Instigadas por este cenário mais acolhedor dos LGBTQIAPN+, no campo da educação e das escolas, foi que estabelecemos como objetivo deste estudo analisar como estas pessoas são representadas nos livros didáticos utilizados pela escola pública do ensino médio.

A pesquisa é de caráter bibliográfico e exploratório baseada em artigos e livros de autores do campo do conhecimento das ciências humanas, com destaque para a Sociologia, por abordar temas considerados tabus como a diversidade sexual nas escolas, gênero e sexualidade humana, dentre outros.

Na pesquisa foram analisados dois livros didáticos, o primeiro é Sociologia em Movimento, 2º edição, do PNLD 2018, da editora Moderna. O segundo é o livro didático Moderna plus sociologia em movimento, 1º edição da editora Moderna, do PNLD 2026.² Os mesmos, são livros didáticos usados na escola estadual Centro de Ensino Colares Moreira em Codó-Maranhão. Através de visitas e conversas com a direção da escola, tivemos acesso aos

¹ Lésbicas, Gays, Bissexuais e Travestis.

² Em razão da mudança do novo ensino médio ocorrida a partir de 2021 nos livros didáticos do PNLD, os conhecimentos da área das ciências humanas e sociais aplicadas passaram a constar em um só livro didático que condensou as disciplinas de história, sociologia, geografia e filosofia, por esta razão optou-se por não utilizar o livro deste período, visto que o propósito da pesquisa é nos livros didáticos de sociologia.

citados livros didáticos de Sociologia e a confirmação de que os mesmos são utilizados na escola nos anos de 2018 a 2020 e de 2026 até 2029.

Nas análises utilizamos a técnica proposta por Laurence Bardin (2016), onde selecionamos os livros didáticos e identificamos como os LGBTQIAPN+ estão representados, e problematizamos os resultados obtidos.

Para melhor apresentar as análises da representação dos LGBTQIAPN+ nos livros didáticos, organizamos os dados em: os grupos presentes (as identidades e sexualidades LGBTQIAPN+), em quantas páginas são citados e os conteúdos (como eles aparecem nos textos, imagens, gráficos, quadros, tabelas, atividades).

Para facilitar na busca pelos LGBTQIAPN+ nos livros didáticos, utilizamos os livros na versão em PDF, onde por meio da barra “Localizar” fomos adicionando os nomes de cada identidade e sexualidade a seguir: Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Travestis, Transgêneros, *Queer*, Intersexo, Assexuais, Pansexuais, Não binários, além da expressão Homossexuais, e a própria sigla LGBTQIAPN+, detectando em quantas páginas apareciam e como estavam sendo representadas.

DIVERSIDADE SEXUAL NAS ESCOLAS E O ENSINO DE SOCIOLOGIA

Escola como espaço para as diferentes sexualidades

O ambiente escolar além de um espaço de ensino, é um espaço de socialização com diversidade de pessoas que buscam não só o conhecimento formal do português, história, matemática, geografia, mas também entender como o mundo funciona, as questões relacionadas a sua própria realidade local.

Segundo Louro (1997) inicialmente a escola tinha um caráter diferenciador, ela possuía hierarquia e classificações, separava adulto e criança, rico e pobre, menino e menina, quem é o melhor e o pior e nem todos tinham acesso.

Concebida inicialmente para acolher alguns — mas não todos — ela foi, lentamente, sendo requisitada por aqueles/as aos/às quais havia sido negada. Os novos grupos foram trazendo transformações à instituição. Ela precisou ser diversa: organização, currículos, prédios, docentes, regulamentos, avaliações iriam, explícita ou implicitamente, "garantir" — e também produzir — as diferenças entre os sujeitos (Louro, 1997, p. 57).

Diferentes grupos estão presente na escola e este ambiente tem a responsabilidade que vai muito além de só transmitir os conhecimentos formais básicos. Reforçando o papel desta importante instituição social, Jesus et.al (2008) traz a questão de que a escola é fundamental

para desfazer preconceitos que as pessoas trazem para sala de aula sobre algo ou alguém, e também promover ações voltadas para o respeito muito, a democracia e a transformação social.

A escola é uma instituição social de extrema relevância na sociedade, pois além de possuir o papel de fornecer preparação intelectual e moral dos alunos, ocorre também, a inserção social. Isso se dá pelo fato da escola ser um importante meio social frequentado pelos indivíduos, depois do âmbito familiar (Silva; Ferreira, 2014, p. 07).

É espontâneo que os indivíduos levem a escola características que os distingue, seja na questão da cor, cultura, religião, sexualidade, orientação sexual, identidade de gênero, gostos, e toda essa diversidade deve ser igualmente respeitada. Assim concorda-se com as autoras Lionço e Diniz:

A diversidade social ocupa as escolas em dois sentidos: primeiramente, pela presença concreta, pois negros, deficientes, mulheres, idosos, estrangeiros, homossexuais frequentam as instituições de ensino; em segundo lugar, pelo compromisso político que fundamenta a educação como um bem público, o que significa que a igualdade é um valor fundamental ao ensino (Lionço; Diniz, 2009, p. 10).

Entende-se a partir disso que a escola é um espaço para todos, e neste ponto é interessante destacar que todos os indivíduos presentes nela possuem sua própria sexualidade, o que faz a escola ser ambiente que abriga a diversidade sexual que é a “expressão usada para designar as várias formas de expressão da sexualidade humana” (Jesus, *et.al*, 2008, p.16), “a diversidade sexual abrange pessoas: heterossexuais, homossexuais, bissexuais e, também, transgêneros, ou seja, travestis e transexuais” (Denis, 2007, p. 10). No espaço escolar essas diferentes formas da sexualidade humana podem ser percebidas. Como Molina (2011) nos diz:

A sexualidade está intrínseca à personalidade de todo ser humano. Seu desenvolvimento depende da satisfação de necessidades humanas básicas, como: desejo do contato, intimidade, expressão emocional, prazer, carinho, amor. Com isso, a sexualidade é construída por meio da interação entre os indivíduos e as estruturas sociais e seu total avanço é essencial para o desenvolvimento individual, interpessoal e social (Molina, 2011, p. 13).

Com isso, entendemos como a sexualidade compõe o que as pessoas são, e que ela se desenvolve em razão do contato com outras pessoas e com a sociedade, a partir de experiências, e essas experiências fazem com que os indivíduos conheçam a si próprio, como também aos outros. Nesse sentido a expectativa para o curso espontâneo das experiências de vida seria o de que as pessoas convivessem bem com seus próprios gostos, no entanto a tratativa social para a diversidade da sexualidade humana tem se revelado excludente.

A negação, o desrespeito e a exclusão da diversidade da sexualidade humana, mesmo dentro do espaço escolar demanda da sociedade a necessidade de promover reflexões que possam contribuir com ações de enfrentamento ao problema.

No Brasil, é só a partir da segunda metade dos anos 1980 que se inicia uma discussão mais aberta em vários espaços sociais como escolas e universidades. Porém, nas escolas, os

temas relacionados a sexualidade ficavam restritos as disciplinas de ciências ou moral e cívica. E tal temática era alvo de controle dos setores mais conservadores, onde os assuntos deveriam ser limitados e contidos, sem ameaçar a ordem familiar heterossexual. Mesmo quando a discussão sobre sexualidade era permitida, o principal foco era discutir sobre prevenção da Aids, de doenças sexualmente transmissíveis e gravidez precoce ou indesejada, como registrado nos órgãos de governo que tratam sobre questões de saúde pública (Brasil, 2007). Desse modo, as sexualidades que distonavam do modelo heteronormativo eram consideradas patologias.

Para enfrentar esse equívoco é necessário ressaltar, que ao falar de sexualidade, não podemos nos restringir apenas aos desejos íntimos dos indivíduos, pois envolve também a questão da identidade de gênero e orientação sexual.

Segundo Louro (1997) mesmo que a escola ou os professores imponham resistência para falar sobre sexualidade, ou que não tenha uma disciplina específica para tal temática, não tem como ela ficar fora do ambiente escolar, justamente, porque ela faz parte dos indivíduos que ali estão presentes.

Mesmo frente ao conservadorismo social há pessoas que expressam sua sexualidade diferente do padrão “normal” postulado para homem e mulher heteronormativos, assim se ambos mudarem tais papéis e escreverem um novo roteiro que caracterize identidades sexuais diferentes são julgados e discriminados.

Braga (1997) ao debater o tema do conservadorismo o apresenta como “doutrina ou atitude favorável à perpetuação dos padrões existentes, e oposta, portanto, à mudança, exercendo uma função básica em qualquer sociedade” (Braga, 1997, p. 187). Ou seja, o ser conservador preza pela continuação de um padrão e é contra mudanças que deteriore sua configuração, caracterizando assim os ideais de uma sociedade conservadora. Nessa perspectiva, sociedades conservadoras não reconhecem pessoas com sexualidades que escapam aos padrões da heteronormatividade, em que homens se relacionam apenas com mulheres, e mulheres apenas com homens.

A escola como sendo instituição responsável pela formação do pensamento social deve assumir o papel de mediar os conflitos referentes a liberdade da sexualidade humana, pautando o debate sobre sexualidades que fogem da norma heteronormativa, percebidas na comunidade LGBTQIAPN+. Como descreve Santos (2018):

A escola assume papel central no processo de transformação social onde discussões sobre diversidade sexual deve ter espaço garantido na formação dos discentes mediante ao contexto atual de lutas e reivindicações por garantias, ampliação e igualdade de direitos a todas e todos. Assim, a escola pode e deve se configurar como um importante espaço para o combate à discriminação e ao preconceito em relação às identidades de gênero, diversidade e orientação sexual (Santos, 2018, p. 240).

Discutir esse tema implica contribuir para que os alunos com sexualidades diferentes sejam inseridos e acolhidos no ambiente escolar. Dirimir mitos sobre essas identidades pode contribuir para enfrentar os preconceitos e discriminação dos LGBTQIAPN+. A compreensão sobre a diversidade nas sociedades humanas é fundamental para garantir o respeito a essa comunidade que, historicamente vem perseguindo reconhecimento.

Sociologia, a disciplina que discute os temas tabus

Ao buscarmos compreender o debate sobre diversidade sexual nas escolas, revelou-se que a disciplina que mais privilegia o debate sobre temas considerados tabus é a disciplina de sociologia.

Não à toa o surgimento da Sociologia está marcado por duas grandes transformações: a revolução industrial e a revolução francesa, dois acontecimentos e também processos que acarretaram mudanças significativas nas sociedades, como a instauração do sistema capitalista de produção, mudanças na política, economia, na cultura de povos (Martins, 1994). “A palavra Sociologia apareceria somente um século depois, por volta de 1830, mas são os acontecimentos desencadeados pela dupla revolução que a precipitam e a tornam possível” (Martins, 1994, p. 02).

Giddens (2008), define a Sociologia como:

A Sociologia é o estudo da vida social humana, grupos e sociedades. É uma tarefa fascinante e constrangedora, na medida em que o tema de estudo é o nosso próprio comportamento enquanto seres sociais. A esfera de acção do estudo sociológico é extremamente abrangente, podendo ir da análise de encontros casuais entre indivíduos que se cruzam na rua até à investigação de processos sociais globais (Giddens, 2008, p. 02).

Percebe-se, a partir disso que o foco da Sociologia é estudar e compreender a vida das pessoas em sociedade e suas relações com os demais seres. Uma área que abrange vários setores da vida social, como a globalização, economia, política, cultura, tecnologia e meio ambiente.

O sociólogo Antony Giddens (2008) também discorre sobre como vemos o mundo a partir das nossas próprias experiências de vida, e que a Sociologia possibilita olhar abrangente da forma como o mundo funciona, de como somos e agimos. Ele também destaca que muito das coisas que acreditamos ser natural em nossa vida, que consideramos ser certo e bom podem não ser, e que somos fortemente influenciados por fatores históricos e sociais, ou seja, a sociedade e a cultura têm grande impacto no que somos e na forma como agimos, dessa forma, somos produto das construções culturais.

Por ser campo do conhecimento que instiga o senso crítico das pessoas e enfrenta conservadorismos sociais que produzem exclusão social, a Sociologia foi historicamente embargada na educação formal brasileira, por vezes, sobre pretexto de reformas políticas educacionais foi inserida e retirada da educação escolar (Freitas; França, 2016).

Rêses (2004) explica que ela vai aparecer em 1882, em razão do projeto proposto de reestruturação de ensino feito pelo deputado Rui Barbosa. Podemos dizer que esta foi a primeira tentativa de reconhecimento da disciplina de sociologia. “Ele propôs a existência de “Elementos de Sociologia” no ensino secundário, precedida pelas disciplinas “Noções de Economia Política” e “Noções da Vida Social” no primário” (Rêses, 2004, p. 06).

Meucci (2007) revela que só foi em 1891 que ela foi posta como disciplina obrigatória com a reforma educacional feito por Benjamim Constant denominada de sociologia e moral, mas logo depois foi retirada do currículo. A autora citando Vechia e Lorenz (1998) diz que seu reaparecimento é em 1925 com a reforma de Rocha Vaz para aqueles ingressantes nas faculdades, em 1926 e 1929 no qual ela aparece na grade de disciplinas do ensino secundário do Colégio Pedro II³. A sociologia também passa a fazer parte dos cursos complementares que preparavam os estudantes para entrarem nas faculdades.

Nesse período ela foi também colocada para a formação de educadores primários e secundários nas escolas normais, passando a ser reconhecida como disciplina acadêmica a partir do surgimento dos cursos de graduação em Ciências Sociais, e em 1942 com a reforma Capanema, ela foi retirada do currículo dos cursos complementares ficando apenas na dos cursos normais (Meucci, 2007).

Voltou à escola apenas na década de 2000, após a consolidação do processo democrático. Os argumentos para sua reintrodução, conforme a Lei de Diretrizes e Bases da Educação, são que, juntamente com a filosofia, seria uma disciplina importante para a formação cidadã. Seu ressurgimento, portanto, sempre esteve relacionado aos ideais democráticos (Meucci, 2024, p. 37).

Segundo Cofré e Bortoloto (2020) a Sociologia como as demais áreas de ciências humanas, ensinada nas escolas, especialmente no ensino médio, sofrem certos questionamentos relacionados a utilidade e contribuição para o mercado de trabalho, onde o foco são áreas com retorno imediato para o mercado. De forma constante a disciplina educativa de Sociologia precisa provar sua importância não somente para o mercado de trabalho, mas como também a formação dos alunos como cidadãos, seres de caráter conscientes de si e do mundo.

³ “O Colégio Pedro II, criado a 2 de dezembro de 1837, durante a regência de Pedro de Araújo Lima, foi a primeira instituição pública de ensino secundário com caráter sistemático no Brasil. O objetivo de sua criação foi o de servir de modelo ou padrão de ensino secundário na Capital” (Massunaga, 1989, p. 1).

A sociologia, como prática científica que se dedica a estudar e a compreender a sociedade e as relações sociais, possui uma potencialidade significativa na formação de jovens e adolescentes no que se refere a dotá-los de ferramentas úteis à reflexão de suas próprias experiências cotidianas e de sua relação e experiência com os demais, assim como com uma estrutura mais ampla da sociedade (Cofré; Bortoloto, 2020, p. 03).

A Sociologia como disciplina para o ensino médio apresenta ampla diversidade de conteúdos para trabalhar em sala de aula, que vai desde entender o processo industrial, capitalismo, a sociedade, compreender o modo de viver das pessoas em sociedade, como também foca em discutir sobre gênero e sexualidade, temas estes, que estão frequentemente presentes nos livros didáticos de sociologia.

[...] cabe pontuar que a Sociologia, como espaço privilegiado para a realização das Ciências Sociais no Ensino Médio, oportuniza aos estudantes a adoção de novas lentes para a interpretação da realidade, possibilitando a construção de novos modos de pensar as práticas sociais em suas plurais formas de manifestação (Araújo; Lima, 2015, p. 168).

Ela também promove o estranhamento, desnaturalização e desfamiliarização de práticas sociais excludentes, ela desestabiliza o que é o padrão, questiona o que não era para ser questionado e mostra outros mundos possíveis, assim enfraquece visões etnocentricas, privilegiando o relativismo cultural. É uma forma de escapar do etnocentrismo e entender o outro como ele realmente é, abrir olhares para outras possibilidades (Cofré; Bortoloto, 2020).

A sociologia já foi, e podemos dizer que ainda é vista como perigosa a sociedades conservadoras. Nos anos da ditadura militar no Brasil, o ensino de sociologia como as demais áreas das ciências humanas passou a ser atacada e perseguida, por ser interpretada como concepção comunista, sendo uma área que abalava e desafiava as normas do sistema vigente do período e que contribuía para revelar o que não deveria ser revelado, despertando nas pessoas questionamentos sobre a realidade social em que estavam vivendo (Hatugai, 2017).

Podemos compreender, então, que a Sociologia é uma área de ensino que trabalha com temas importantes, instigando nos alunos o interesse para entender sua realidade, seu próprio corpo e seus interesses mais íntimos. Um dos grandes temas da sociologia volta-se para questões de gênero e sexualidade humana. Como aponta Giddens (2008, p. 109), “O estudo do gênero e da sexualidade constitui uma das dimensões em desenvolvimento mais rápidas e estimulantes na sociologia contemporânea”.

No ensino, o livro didático de sociologia vem trazendo cada vez mais temas considerados ainda hoje tabus, mas que estão hoje presentes no âmbito escolar. Chegar ao patamar de discutir temas tabus, a partir de conteúdo do livro didático não foi percurso fácil,

foi de muita luta, que envolve organização, militância dos movimentos sociais, especialmente dos LGBTQIAPN+.

O MOVIMENTO LGBTQIAPN+ E A LUTA PELO DIREITO DE EXISTIR

O movimento LGBTQIAPN+ irá aparecer no século XIX. Segundo Reis (2007) as primeiras tentativas de organização do movimento homossexual⁴ aconteceram na Europa central entre 1850 e 1933 em razão das discriminações e luta por garantia de direitos, como também contra leis que criminalizavam as relações sexuais de pessoas do mesmo gênero e o travestismo. Outro momento com expressivo registro na história foi o movimento ocorrido na Alemanha, que foi encerrado em 1933 com a ascensão do regime nazista que causou a morte de mais de 200 mil homossexuais.

Na Europa e nos Estados Unidos, o movimento homossexual começou a se estruturar, novamente, logo após a Segunda Guerra Mundial, mas foi na década de 60, nos Estados Unidos, com os hippies e a contracultura americana, que surgiu um movimento GLBT de contestação. Contudo, a data que ficou como uma marca na história do moderno movimento gay mundial foi 28 de junho de 1969, quando da rebelião de GLBTT contra as arbitrárias batidas policiais no Bar Stonewall, em Nova Iorque. No primeiro aniversário da rebelião, 10 mil homossexuais, provenientes de todos os estados norte-americanos marcharam, sobre as ruas de Nova Iorque, demonstrando que estavam dispostos a seguir lutando por seus direitos. Desde então, “28 de junho” é considerado o Dia Internacional do Orgulho GLBTT (Reis, 2007, p. 89-90).

Nos anos de 1960 o movimento homossexual se expandiu por diversos países como os da América Latina que viviam uma onda de libertação, na contracultura de novos modos de viver, mas no Brasil essa nova onda de movimento liberal e inovador que promoveu também o surgimento do movimento homossexual demorou a ser instaurado, em razão do país está vivendo sob uma forte repressão ocasionada pela ditadura militar que criava obstáculos para que não houvesse uma organização social em prol da liberdade, democracia e a sexualidade. Dessa forma a discussão sobre a sexualidade humana era fortemente controlada pelo poder conservador do Estado. Pessoas LGBTQIAPN+ sofreram com as repressões, na qual o regime militar queria impor exclusivamente a família nuclear, monogâmica, patriarcal e heterossexual (Green *et al.*, 2018).

Segundo Facchini (2003) o movimento homossexual no Brasil passou por três momentos, o primeiro ligado ao surgimento desse movimento nos anos de 1970 com abertura política, dando início a criação de novos grupos homossexuais, políticos, jornalísticos e os

⁴ Movimento homossexual era o termo usado na época, hoje, é mais apropriado utilizar o termo movimento LGBTQIAPN+, mas como estamos falando de um contexto histórico neste tópico, o uso será o termo antigo.

encontros realizados pelos homossexuais. No segundo momento, ligado à retomada democrática e o surgimento da Aids, marcado pelo declínio do movimento, dada a patologização dos homossexuais com a incidência de doenças sexualmente transmissíveis nesse grupo.

Posto de forma distorcida à Aids, denominada de “peste gay” provocou rupturas dentro do próprio movimento “[...] o advento da Aids, inicialmente, afetou maciçamente os gays, período em que muitos ativistas embarcaram no novo Movimento Aids, levando a um declínio dramático no ativismo GLBTT. ” (Reis, 2007, p. 90).

Os homossexuais então introduziram a luta contra essa doença ao seu movimento. A questão da Aids foi palco de grandes transformações para a homossexualidade, pois foi em torno dela que informações relacionadas à comunidade homossexual foram expostas.

A epidemia obrigou a sociedade a discutir sexualidade. Independentemente da forma como foi orientada a temática, ela passou a estar presente nas agendas e a ser preocupação para familiares, escolares e estatais. O surgimento da AIDS abriu espaço para a visibilidade homossexual, ainda que, tenham-se inicialmente refreado as tentativas de mobilizar setores do movimento. A doença foi também uma das principais responsáveis pela força com que esse movimento (re)emergiu na década de 1990 (Molina, 2011, p. 09).

O terceiro momento ligado ao reflorescimento do movimento, foi mais forte, com mais visibilidade de cunho grupal, midiático e conectado também as esferas governamentais.

No Brasil, no período ainda de regime militar, principalmente entre 1970 e 1980 houve grande repercussão de movimentos sociais nas lutas voltadas para democracia, cidadania e respeito, e é nesse período que também o movimento homossexual vai aparecer lutando pelos mesmo ideais e também reconhecimento de quem eles eram (Molina, 2011).

Em especial, o ano de 1978 representou um marco fundamental na redemocratização do Brasil e na história do movimento LGBT. Isso porque, dentre as forças políticas que se engajaram nessas lutas democráticas, merece destaque o então chamado "movimento homossexual brasileiro" (MHB) (Green *et al.*, 2018, p.10).

Daniel (1983 *apud* Moraes e Soares, 2013), explica que na década de 1970, os homossexuais viviam especificamente nos guetos, eram marginalizados e sofriam entre as décadas de 1950 e 1960 perseguições pela polícia.

A partir de 1970 com a abertura política no país, e a influência das mudanças que estavam acontecendo nos Estados Unidos, como a revolta dos homossexuais em 1969 no bar Stonewall, a invenção da pílula anticoncepcional, o rock e o movimento hippie, impulsionaram mudanças que influenciaram na forma como os não heteros se mostravam.

É nessa abertura política e de mudanças sociais que o movimento homossexual brasileiro vai surgir de forma mais forte, mais à mostra com a criação em 1978 do jornal “O

Lampião da Esquina”⁵, em 1979 foi criado em São Paulo o Somos, Grupo de Afirmação Homossexual, uma organização em defesa dos direitos dos homossexuais e em 1980 é criado em Salvador o Grupo Gay da Bahia⁶ (Brasil, 2002). As principais bandeiras de luta desses movimentos eram reconhecimento, garantia de direitos, não ao preconceito, não a discriminação, não a violência e o fim da patologização. Com a movimentação e organização desses grupos os homossexuais passam a ser mais vistos e respeitados na esfera jornalística, política e social.

Nos anos de 1980 e 1990 houveram vários encontros nacionais do movimento homossexual que aconteceram em diversas regiões do país influenciando o surgimento de mais grupos homossexuais e de travestis, muitos eram mistos e outros específicos, apenas com uma identidade como grupos de gays, lésbicas e travestis que também introduziram o combate à Aids em suas pautas. Além disso, outras pautas que esse movimento debatia em seus encontros eram: o fortalecimento do movimento, despatologização, cidadania, discriminação, leis antidiscriminatórias, legalização do casamento homossexual, serem tratados pela mídia de forma positiva, inclusão da educação sexual nos currículos escolares, prevenção e combate à Aids, violência e assassinatos dos homossexuais e travestis, formação de novos grupos, conexão com movimentos internacionais (Facchini, 2005).

Alguns encontros tiveram apoio e financiamento do Programa Nacional de DST/AIDS do Ministério da Saúde, secretarias de estados e municípios voltados para ações sociais e de saúde. Outros grupos, como grupos de estados da federação brasileira, movimentos sociais, ONGs de combate à Aids, pessoas interessadas e ativistas não LGBT também se faziam presentes nos encontros (Facchini 2005).

Vale destacar também que as Lésbicas e Travestis fizeram seus respectivos encontros nacionais com pautas sobre direitos humanos, gênero, promoção da saúde e prevenção contra DST/HIV/AIDS (Brasil, 2002).

As pessoas LGBT também tiveram apoio e também apoiavam grupos políticos de esquerda como o PT, que foi um dos partidos que apoiou e defendeu os direitos desses grupos. Ativistas gays também formaram grupo dentro do PT, e além de assumirem uma posição ativa na política, o movimento teve apoio de movimentos LGBT internacionais e viajaram à vários

⁵ Jornal em formato de tabloide produzido por escritores e intelectuais do Rio de Janeiro e São Paulo, era um importante veículo de comunicação que falava e defendia abertamente os direitos dos homossexuais, bem como também discutiam sobre sexualidade, discriminação racial, artes, ecologia, cultura, machismo e gênero de circulação nacional (Brasil, 2002; Gomes; Bezerra, 2026, Green, 2000).

⁶ “Uma organização não-governamental também disposta a lutar pelos direitos civis dos homossexuais” (Carneiro, 2015, p. 10).

países para reuniões e conferências. Assim, a mídia também passou a oferecer espaço para pautas relacionados aos LGBT, novelas passaram a retratar essas pessoas de forma positiva (Green, 2000).

Em 1995 também se registra a fundação da ABGLT “uma organização que moldava um novo ativismo LGBT, com formato centralizador, de postura reivindicatória perante o Estado e de representante e porta-voz oficial do movimento LGBT brasileiro” (Fernandes, 2018, p. 104).

Outros registros foram a realização da 17ª Conferência Internacional da International Lesbian and Gay Association (ILGA) no Rio de Janeiro, e a realização das paradas LGBT no ano de 1990.

[...] foi a partir dos anos 1990 que começou a ganhar mais visibilidade, quando foram realizadas as primeiras Paradas do Orgulho LGBT em diversas cidades do país. O movimento LGBT lutava contra a discriminação e a violência que muitas vezes eram direcionadas a pessoas LGBT, incluindo a violência física e psicológica, o preconceito no mercado de trabalho, a falta de acesso a serviços de saúde adequados, o reconhecimento legal das uniões homoafetivas, entre outras questões (Queiroz; Sousa, 2024, p. 117-118).

Nos anos 2000 adiante, temos importantes e significativos avanços para os direitos da população LGBTQIAPN+, onde o governo federal passou a dar abertura as causas dos mesmos e implementado políticas públicas. Estados, municípios e os tribunais passaram a aprovar leis favoráveis aos direitos e reivindicações desses grupos (Reis, 2007).

No campo da educação uma importante conquista foi a introdução dos LGBTQIAPN+ dentro dos livros didáticos e de serem representados de forma positiva.

OS LGBTQIAPN+ NOS LIVROS DIDÁTICOS

Sobre o debate de pessoas LGBTQIAPN+ nos conteúdos educacionais, dentro dos livros didáticos, é uma ação que vem sendo estruturada lentamente, a partir da década de 1980 em razão da luta do movimento social e das ações governamentais, onde aos poucos nota-se a intensificação do debate sobre esse tema dentro do espaço escolar, nos currículos e nos livros didáticos (Facchini, 2005; Silva, 2020).

Nos Parâmetros Curriculares Nacionais (1997) a introdução sobre orientação sexual no currículo escolar para um debate mais aberto e inclusivo, sobre as sexualidades não heterossexuais, permaneceu silenciada e rejeitada (Lionço; Diniz, 2009). O foco do debate era ainda na prevenção e saúde devido a AIDS, bem como também em conteúdos biologizantes e heteronormativos, sem aprofundamento em uma temática mais aberta para a diversidade sexual.

Já em 2004, com o advento do Programa Brasil Sem Homofobia podemos destacar alguns avanços no debate.

Nesse documento, prescreve-se, além da formação continuada da(o)s professora(s) na área da sexualidade, o incentivo à produção de materiais educativos sobre orientação sexual e diversidade das performances sociais de gênero. Estabelece-se, também, a constituição de equipes multidisciplinares para a avaliação dos livros didáticos, de modo a eliminar conteúdos discriminatórios homofóbicos, primando pela universalidade dos direitos sociais (Lionço; Diniz, 2009, p. 63).

A primeira Conferência Nacional LGBT realizada no ano de 2008 orientou a produção do Plano Nacional de Promoção da Cidadania e Direitos Humanos de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais, de 2009, onde tratou-se também dos direitos humanos e políticas públicas para esta comunidade dentro do livro didático (Silva, 2020). Nesta conferência o grupo temático sobre educação orientou que a temática da sexualidade humana, dos LGBTQIAPN+ deveriam estar inseridas no livro didático, com conteúdo que respeitasse orientação sexual e identidade de gênero diferenciadas, eliminando qualquer tipo de discriminação dentro desse material, onde neles deveriam conter temáticas de famílias LGBTQIAPN+ com visibilidade positiva em textos e imagens (Brasil, 2008).

Dentro do Plano Nacional de Promoção da Cidadania e Direitos Humanos de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais, coordenado pelo Ministério da Educação (MEC) encontramos estas ações, previstas para serem executadas até o ano de 2009:

Incluir recomendações relacionadas à promoção do reconhecimento da diversidade sexual e ao enfrentamento ao preconceito e à violência por orientação e identidade de gênero nos Editais de Avaliação e Seleção de Obras Didáticas do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), do Programa Nacional do Livro Didático para o Ensino Médio (PNLEM) e do Programa Nacional do Livro Didático para a Alfabetização de Jovens e Adultos (PNLA) (Brasil, 2009, p. 21).

Até 2011 a ação prevista, também de responsabilidade do MEC, era:

Inserir nos livros didáticos a temática das famílias compostas por lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais, considerando recortes de raça/etnia, orientação sexual, identidade de gênero e socioeconômica, os novos modelos de famílias homoafetivas, com ênfase nos recortes de raça/etnia, orientação sexual e identidade de gênero (Brasil, 2009, p. 28).

Como nos diz Silva (2020, p. 40), o Plano Nacional LGBT “traz uma exigência ao Ministério da Educação: a inserção de discursos sobre diversidade de orientação sexual nos livros didáticos deverá ser efetivada até 2011”. A exigência também está voltada para a inserção do debate sobre a identidade de gênero, escapando a discursos biologizantes ou de criminalização dessas formas de sexualidade humana.

Compreendemos que marcadamente nos anos 2000 encontramos ações para a inserção dos LGBTQIAPN+ dentro dos livros didáticos de forma inclusiva e respeitosa, sem qualquer discriminação, muito embora reconheçamos que a presença dos LGBTQIAPN+, principalmente, os homossexuais, nos livros didáticos datam desde os anos 1980.

Segundo Silva (2020) em sua pesquisa exploratória sobre a representação dos homossexuais nos livros didáticos de história destinada ao ensino fundamental para os anos finais, nas coleções das décadas de 1980, 1990 e 2000 têm indícios de discussões acerca da homossexualidade em conteúdos sobre Grécia e Roma Antiga, Reforma e Contrarreforma, Nazismo e Contracultura.

Nos anos 2000, há a presença, mesmo que de forma restrita, dos homossexuais, onde no PNLD de 2005, 2008 e 2011, nos livros didáticos de história, eles aparecem dentro de capítulos sobre o nazismo, período em que os homossexuais eram perseguidos e exterminados, e nos capítulos sobre contracultura, um movimento de luta por mudanças sociais, direitos e liberdade de expressão e das diferentes formas de amar, onde temos a participação dos homossexuais (Silva, 2020).

Nos livros de sociologia do PNLD 2012, encontramos o debate sobre os LGBTQIAPN+, principalmente, dentro de conteúdos sobre direitos e movimentos sociais (Limoeiro, 2017; Tomazi, 2010). Diferente do PNLD 2012, os livros didáticos de Sociologia do PNLD 2015, trazem os LGBTQIAPN+ com maior destaque, trabalhando diversidade sexual, movimento gay, homofobia, conceitos sobre homossexualidade, bissexualidade, transexualidade, transgênero, bem como marcante discussão sobre gênero e sexualidade, se comparado a edição anterior que não fazia esse destaque (Limoeiro, 2017).

No PNLD 2018, também encontramos presença marcante dos LGBTQIAPN+ nos livros didáticos, especialmente, no que se refere a disciplina de sociologia, como veremos mais à frente. Entende-se, com isto, que a presença dos LGBTQIAPN+ veio aos poucos conquistando espaços dentro dos livros didáticos. Este espaço é importante porque o livro didático é um dos recursos pedagógicos mais importante do ensino, que auxilia no desenvolvimento dos conteúdos e é material de apoio facilitador para os alunos em sua aprendizagem. Segundo Costa e Allevato:

O livro didático é um dos instrumentos mais utilizados pelos professores para organização e desenvolvimento das atividades em sala de aula e, até mesmo, para aprimorar seu próprio conhecimento sobre o conteúdo e, para os alunos, trata-se de uma fonte muito valiosa de informação, que deveria despertar o interesse e o gosto pela leitura, além de ajudar no avanço dos estudos. Portanto, o livro didático deve ser muito bem organizado tanto para o professor, que o tem como apoio pedagógico, quanto para os alunos, que poderão utilizá-lo para estudar sozinhos. O livro adquire, assim, a função de contribuir para o ensino-aprendizagem. Por isso, ele é considerado

um interlocutor, isto é, um componente que "dialoga" tanto com o professor quanto com os alunos (Costa; Allevato, 2010, p. 72-73).

Sua importância consolida-se no Programa Nacional do Livro e do Material Didático, que é uma política pública gerenciada pelo Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE) e pelo Ministério da Educação (MEC) com o objetivo de disponibilizar materiais didáticos, onde as obras distribuídas passam por um processo de avaliação, seleção, aprovação e assim distribuídas às escolas (Brasil, 2025).

As obras didáticas produzidas pelas editoras têm a responsabilidade de respeitar as normas vigentes nos editais disponibilizado pelo MEC e FNDE a partir do programa, e pelas demandas da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e nestes editais constam a introdução dos Temas Contemporâneos Transversais (TCT's) (Brasil, 2024), bem como:

- a) Estar livre de estereótipos ou preconceitos de condição socioeconômica, regional, étnico-racial, de gênero, de orientação sexual, de idade, de linguagem, de religiosidade, de condição de deficiência, assim como de qualquer outra forma de discriminação, violência ou violação de direitos humanos;
- g) Ao abordar a temática de gênero, objetivar a construção de uma sociedade não-sexista, justa e igualitária, inclusive no que diz respeito ao combate à homofobia e transfobia; (Brasil, 2024, p. 8-9).

Entende-se que o avanço dentro dessas normativas, está relacionado a atuação positiva com a inclusão e respeito as pessoas pertencentes à comunidade LGBTQIAPN+, e que os conteúdos do livro didático vêm perseguindo o respeito e a introdução de informações mais próximas das vivências desses sujeitos, livres de quaisquer discriminações, respeitando os direitos humanos.

Os livros didáticos são ferramentas que trazem em sua estrutura textos, imagens e atividades, e os conteúdos presentes podem influenciar a maneira como os estudantes compreendem determinados assuntos. Para Stuart Hall (2016) e também para nós o conceito de representação utiliza linguagens como textos, imagens, sons, músicas e objetos para representar e explicar algo, bem como influenciar na construção de significados, ou seja, na forma como as pessoas iram entender determinados assuntos.

Assim, concorda-se com Peyneau *et al.* com relação a escolha dos livros didáticos:

Todos estes aspectos legais e políticos da escolha do livro traz um sentimento de responsabilidade muito grande aos envolvidos na sua decisão e uso, pois o professor deve ter ciência de que aquele livro será utilizado por anos, por tanto, deve-se adequar a realidade das suas turmas e alunos, escolhendo o livro que melhor se adequa ao seu trabalho, levando em consideração a linguagem, as atividades, os textos apresentados e muitos outros fatores (Peyneau *et al.*, 2022, p. 05).

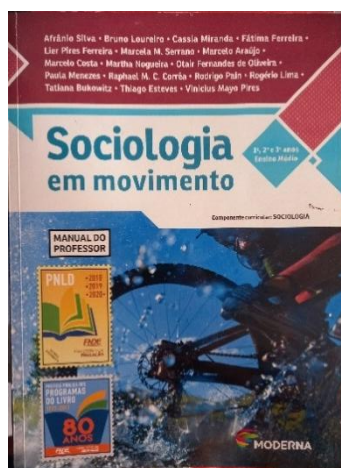
Diante do exposto, compreende-se que os conteúdos presentes nos livros didáticos devem ser cuidadosamente analisados e avaliados para que, então, eles possam ser utilizados.

Considerando esses fatores, apresentamos a seguir os tipos de linguagens utilizadas para representar as pessoas LGBTQIAPN+ e que significados podemos abstrair disso.

A seguir apresentamos as formas como os LGBTQIAPN+ são apresentados nos livros didáticos de sociologia do ensino médio.

O primeiro livro analisado, *Sociologia em movimento* – PNLD 2018, 2ª edição, escrita pelo autor Afrânio Silva com a participação de 16 autores da editora Moderna com 399 páginas (Livro A).

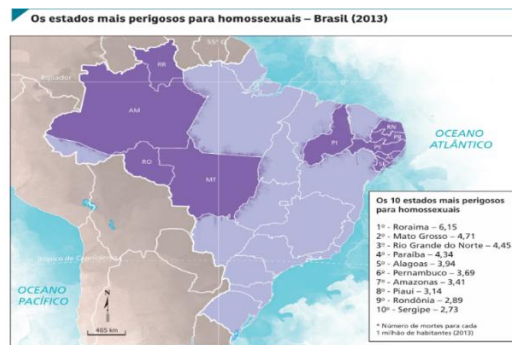
Figura 1 - Capa do livro (*Sociologia em movimento*)



Fonte: Silva *et al.* *Sociologia em movimento*. 2016

Neste livro didático são citados 14 grupos de sexualidade humana diferentes. Em primeiro lugar, *homossexuais* que são citados no livro em 18 páginas (p. 85, 112, 127, 154, 187, 201, 202, 205, 209, 329, 330, 331, 345, 346, 350, 351, 354, 355). No livro eles aparecem como pessoas que sofrem homofobia, discriminação, preconceito, violência e assassinatos, sendo o Brasil um dos lugares mais perigosos para esse grupo de sexualidade, conforme ilustrado abaixo.

Figura 2 - Os estados mais perigosos para homossexuais – Brasil (2013)



Fonte: Brasil Post, Gabriela Loureiro. Os 10 piores estados do Brasil para ser negro, gay ou mulher. Disponível em: <www.brasilpost.com.br/2014/02/28/estados-gay-mulher-negro_n_4876453.html>. Acesso em: fev. 2016.

Fonte: Silva *et al.* Sociologia em movimento. 2016, p. 351

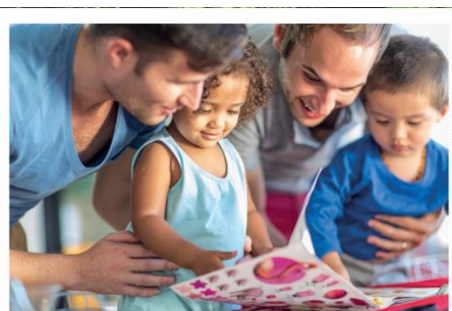
No conteúdo aparece o registro de que esses grupos já foram perseguidos historicamente, tanto pelos nazistas (que também reprimiram organizações de homossexuais), como pelos policiais, eram marginalizados na sociedade e ainda são, e seus espaços de socialização eram restritos a bares, tabernas e clubes secretos. E em 28 de junho de 1968, no bar Stonewall Inn, em Nova York, eles enfrentaram uma ação policial e isto se tornou um importante evento histórico na luta pelos direitos e reconhecimento do “orgulho gay”.

Os mesmos foram considerados doentes e depois desconsiderados, por volta do final do século XX, quando em 1985, no Brasil, o Conselho Federal de Psicologia já não considerava a homossexualidade uma patologia e em 1990 foram retirados da lista Internacional da Organização Mundial de Saúde (OMS).

O livro traz que essas pessoas sofrem certas limitações para serem quem são e viver livremente, e que se inseriram dentro de um movimento para lutar por direitos, respeito e reconhecimento, e que aos poucos estão conseguindo ter seus direitos garantidos.

O livro didático traz a imagem de famílias homoafetivas de casais gays como pode ser observado logo abaixo e de casais de lésbicas (ver figura 9).

Figura 3 - Reconhecimento de casais homoafetivos



Nos últimos tempos, a luta pelo reconhecimento de casais homoafetivos tem resultado em mudanças na legislação e na forma como são vistos pela sociedade.

Fonte: Silva *et al.* Sociologia em movimento. 2016, p. 329

No texto o termo homossexualidade aparece se referindo à orientação afetivo-sexual entre pessoas do mesmo gênero, como os gays e as lésbicas.

Adiante, em 08 páginas (p. 199, 328, 329, 330, 347, 350, 351, 354), temos os *LGBT*, sigla usada no livro didático para se referir ao grupo que lutou contra as opressões policiais na Rebelião Stonewall, que se organizaram em um movimento na luta por direitos, reconhecimento, combatendo a discriminação, homofobia e desigualdade e indo à público com passeatas em defesa de seus direitos, contra as injustiças, visibilidade de quem eles são e das diversas formas de viver o gênero e a sexualidade.

Figura 4 - Passeatas LGBT



Fonte: Silva *et al.* Sociologia em movimento. 2016, p. 328

O movimento LGBT e suas vertentes aparecem como organização de resistência aos inúmeros problemas que lhes afligem, e também como espaço de divulgação, de enfrentamentos a violência e falta de direitos, bem como das conquistas alcançadas:

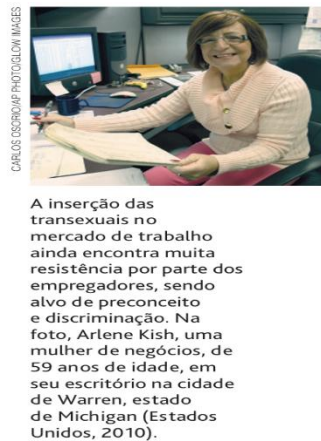
No Brasil, em 2011, algumas conquistas foram asseguradas pela decisão do Supremo Tribunal Federal sobre o reconhecimento da união estável em famílias homoafetivas. Com essa deliberação, inúmeros direitos foram conquistados e equiparados aos dos casais compostos por homem e mulher: a comunhão parcial de bens, as pensões alimentícias e do INSS, a inclusão de dependentes nos planos de saúde e no imposto de renda, entre outros (Silva *et al.*, 2026, p. 351).

O texto frisa que o movimento está em luta constante por mais mudanças, como a criminalização da homofobia e políticas públicas para combater as desigualdades, e que atualmente, essa comunidade une forças com outros movimentos, como o movimento feminista.

Em seguida, em 07 páginas (p. 331, 336, 337, 343, 346, 351, 355), aparece registro de pessoas *transexuais*. A partir do termo transexual, como pessoas que não se identificam com o sexo de nascimento, se faz o debate sobre mulher transexual que está relacionado a pessoa que se identifica com o gênero feminino e quer ser reconhecida como mulher, e homem transexual a pessoa que se identifica com o gênero masculino e quer ser reconhecida como homem.

As pessoas transexuais são apresentadas também como pessoas que sofrem discriminação, preconceito e são vítimas de assassinatos, que também já foram consideradas doentes, mas agora, não mais, onde em 2012, a transexualidade deixou de ser considerada um transtorno psiquiátrico. O conteúdo destaca ainda as dificuldades dessas identidades na entrada no mercado de trabalho, onde enfrentam preconceito e discriminação.

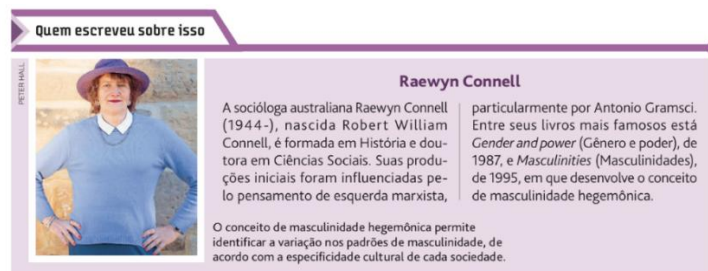
Figura 5 - Transexuais no mercado de trabalho



Fonte: Silva *et al.* Sociologia em movimento. 2016, p. 337

O livro discorre sobre a socióloga transexual australiana Raewyn Connell e o seu conceito de masculinidade hegemônica.

Figura 6 - Socióloga transexual australiana Raewyn Connell



Fonte: Silva *et al.* Sociologia em movimento. 2016, p. 336

E sobre a cartunista transexual e bissexual Laerte, uma importante persona na discussão sobre liberdade de gênero.

Figura 7 - A cartunista transexual e bissexual Laerte



Fonte: Silva *et al.* Sociologia em movimento. 2016, p. 346

O livro didático indica a leitura do livro de Berenice Bento *O que é transexualidade?*.

Destaca que conseguiram em 2015, a partir da Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República do Brasil, na resolução nº 12, a garantia de acesso e permanência nos sistemas e instituições de ensino. Os transexuais também aparecem sendo citados, quando o livro fala sobre as mulheres trans no mercado de trabalho, onde cita a Associação Nacional de Travestis e Transexuais (Antra).

E em seguida temos *transgêneros* que são citados em 06 páginas (p. 329, 330, 332, 346, 345, 351), aparecem segundo o termo transgênero explicado no livro didático, como pessoas que também não se identificam com o sexo que lhe fora atribuído no nascimento, e que mulher transgênero se refere a pessoa que se identifica com o gênero feminino e reivindica o reconhecimento como mulher, e homem transgênero sendo a pessoa que se identifica com o gênero masculino e quer ser reconhecida como homem. Esses estão assumindo cada vez mais papéis dentro da sociedade, mas que também sofrem limitações por serem quem são, que historicamente eram valorizados por povos indígenas do Norte da América, que se organizaram em um movimento e nos anos 1990 ganharam mais visibilidade.

O livro também vai referenciar a mulher transgênero que criou a bandeira do orgulho transgênero, Monica Helms, e o menino transgênero Tyler de 7 anos.

Figura 8 - Menino transgênero Tyler



O menino transgênero Tyler, de 7 anos, troca as roupas de seu boneco, em Washington (Estados Unidos, 2014). A família ganhou na justiça o direito de mudar o nome dele.

enquanto o feminino sempre se definiu grande espaço na Psicanálise para expor essa "castração", e aqueles ditos. Ao longo do século XX, a Psicanalistas feministas e também que:

Fonte: Silva *et al.* Sociologia em movimento. 2016, p. 332

Os *gays*, são citados em 06 páginas (p. 329, 330, 346, 351, 354, 355), estão presentes como pessoas que são homossexuais, que se organizaram em um movimento social e que na década de 1990 houve a descentralização da homossexualidade masculina a partir da reorganização de grupos e movimentos como o LGBT, e daqueles que lutam por direitos e combate à discriminação e à homofobia, onde deram espaço e visibilidade para outras identidades. Os *gays* também aparecem sendo representados por imagem (ver figura 3).

As *lésbicas* aparecem em 05 páginas (p. 330, 346, 351, 354, 355) como homossexuais, que se organizaram em um movimento social e passaram a ganhar visibilidade nos anos 1990. Elas também aparecem quando o livro cita a sigla LGBT sendo elas registradas na sigla. E são mencionadas em uma notícia sobre a legalização do casamento entre pessoas do mesmo sexo na França e se os casais de *lésbicas* teriam o direito pela lei de serem reconhecidas legalmente como mães das crianças geradas por inseminação artificial. Elas estão presentes no livro didático por imagem.

Figura 9 - Casal de *lésbicas* com seu bebê



Fonte: Silva *et al.* Sociologia em movimento. 2016, p. 330

Também, em 05 páginas (p. 330, 345, 346, 351, 354), registra-se os *bissexuais*, que se organizaram dentro de um movimento social, que tiveram sua sexualidade reconhecida como orientação sexual, que sofrem também limitações por serem quem são e que ganharam visibilidade nos anos 1990. E que a bissexualidade é uma orientação sexual.

Em 04 páginas (p. 330, 337, 350, 351) temos *Trans*, o livro não determina de forma clara a qual identidade está se referindo o termo. Nele discorre que hoje os estudos de gênero debatem importantes conceitos e um destes é a *Trans* sexualidade. E que as mulheres trans vivem em situações difíceis, pois a grande maioria deste grupo só encontra trabalho na prostituição e apenas um percentual muito pequeno desse público consegue ocupar cargos no mercado de trabalho formal, e que a partir dos anos de 1980 o movimento trans mudou antigas

concepções em torno da sexualidade e política, e que os movimentos em defesa das mulheres trans fazem parte do movimento transfeminismo.

Em seguida, temos em 04 páginas (p. 331, 337, 351, 354) as *travestis*, que aparecem como sendo vítimas de assassinatos, e que ganharam visibilidade nos anos 1990. E que conseguiram em 2015, a partir da Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República do Brasil, com a resolução nº 12, a garantia de acesso e permanência nos sistemas e instituições de ensino. Elas também aparecem sendo citadas quando o livro didático faz referência a Associação Nacional de Travestis e Transexuais (Antra).

Em 03 páginas (p. 330, 345, 346), aparecem os *andróginos*, que é uma expressão de gênero, uma forma de expressar seu gênero a partir de vestimentas, atitudes, expressões físicas, interação. Em 1492, também eram valorizados pelos indígenas da América do Norte, pois eram considerados seres de “dois espíritos”.

O livro didático traz em 02 páginas (p. 343, 346), os *intersexuais*, que a partir do termo descrito no livro, são pessoas dotadas de genitália ambígua. Eles também aparecem sendo citados quando o livro didático discorre sobre os *hijras*, que são indivíduos do “terceiro gênero”, aceitos culturalmente na Índia e no Paquistão, e que podem ser intersexuais ou transexuais.

Figura 10 - Os hijras



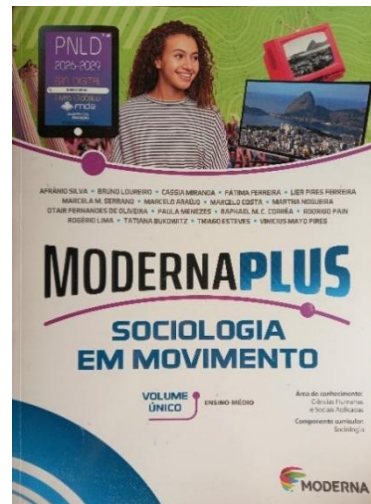
Fonte: Silva *et al.* Sociologia em movimento. 2016, p. 343

Em 01 página (p. 346), são citados a *pansexualidade* que é uma orientação sexual que se refere as pessoas que sentem atração por outra independente do gênero. A *assexualidade*, em 01 página (p. 346), que é uma orientação sexual que se refere as pessoas que não sentem atração nem desejo sexual. E, por fim os *Queer*, também em 01 página (p. 351), aparecem quando o livro didático cita o movimento LGBTQ+, sendo *Queer* pertencente a essa sigla.

O segundo livro analisado foi o Moderna Plus: Sociologia em Movimento – PNLD 2026, 1º edição, escrita pelo autor Afrânio Silva com a participação de 16 autores da editora

moderna, com 336 páginas (Livro B), onde identificamos a presença de 14 grupos da comunidade LGBTQIAPN+.

Figura 11 - Capa do livro didático (Moderna plus sociologia em movimento)



Fonte: Silva *et al.* Moderna plus sociologia em movimento. 2024

Os *LGBTQIA+*, sigla usada no livro, aparece em 12 páginas (p. 71, 169, 174, 192, 193, 207, 209, 210, 212, 213, 294, 327), como pessoas vítimas de discriminação, preconceito, violência, opressão e menosprezo em vários espaços como na família, trabalho, na escola e na mídia. São sujeitos que lutam por reconhecimento, respeito, valorização da sua cultura, diferença, identidade, e combate à violência. Mostrando também como o Brasil é um dos países onde mais se violenta e se mata pessoas LGBTQIA+.

Destaca que historicamente esses grupos lutaram contra uma ação policial de opressão e violência em 28 de junho de 1968 no bar Stonewall Inn, em Nova York.

Figura 12 - Histórico bar Stonewall Inn



Fonte: Silva *et al.* Moderna plus sociologia em movimento. 2024, p. 212

E que no ano de 1990, o movimento LGBTQIA+ se reorganizou na luta por direitos, combate à discriminação e homofobia, bem como também debate a centralidade do tema sobre a homossexualidade na perspectiva do masculino, dando espaço e visibilidade para as outras identidades.

O movimento é apresentado em variadas vertentes que se organizam em passeatas e ações para resistir e enfrentar os problemas que lhes afetam, como a violência e a falta de direitos, e que aos poucos estão conseguindo algumas conquistas, como a aprovação da união estável entre casais do mesmo sexo, a criminalização da homofobia e transfobia, além da liberação para que homossexuais pudessem doar sangue, o que caracteriza a despatologização dessas identidades sexuais.

Figura 13 - Parada do orgulho LGBTQIA+



Vigésima sétima edição da Parada do Orgulho LGBTQIA+, em São Paulo, capital.
Fotografia de 2023.

Fonte: Silva *et al.* Moderna plus sociologia em movimento. 2024, p. 294

Discorre que seguem firmes em suas lutas para ter acesso a políticas públicas de inclusão, combate às desigualdades, preconceito e violência, na busca de emprego, moradia, aumento da representatividade LGBTQIA+ e também estão em luta pela inserção desses grupos em pesquisas populares do país feito pelo governo para denunciar a real condição e em que circunstâncias vivem, moram, trabalham, as violências que enfrentam para existir, pois a produção de dados desse tipo colaboram na elaboração de políticas públicas para esse grupo.

Em seguida, temos *transexuais* aparecendo em 10 páginas (p. 192, 197, 200, 205, 206, 209, 212, 213, 216, 294) do livro. Os mesmos aparecem como pessoas que não se identificam com o sexo que lhe fora atribuído no nascimento, com isto o livro afirma que, mulher transexual está relacionado a pessoa que se identifica com o gênero feminino e que quer ser reconhecida como mulher, e homem transexual é a pessoa que se identifica com o gênero masculino e quer ser reconhecida como homem. São pessoas vítimas de violência, preconceito, transfobia, ameaças de mortes e assassinatos não só no Brasil como também em outros países. O livro também traz que os transexuais são pessoas vistas como uma ameaça ao ordenamento social.

E que por volta do ano de 1980 fizeram parte de mudanças nas concepções com relação a sexualidade e a política e que ganharam visibilidade nos anos 1990. Aborda que atualmente, os estudos de gênero têm debatido vários conceitos e um deles é a transexualidade.

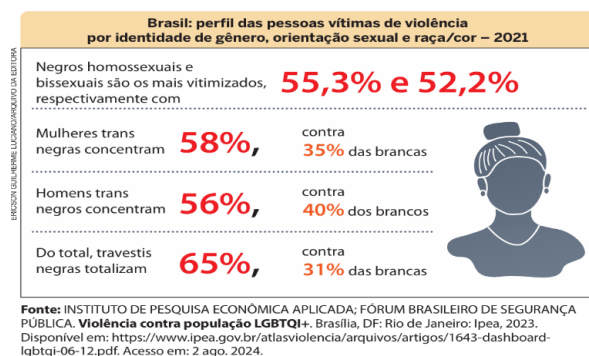
Pontua que os *transexuais* são pessoas que agora tem o direito de mudar de nome, que além de fazer parte do movimento LGBTQIAPN+, também fazem parte do transfeminismo, movimento que defende e luta pelos direitos de mulheres transexuais. Registra também, que essas pessoas têm dificuldade em conseguir emprego formal.

A exemplo do livro Sociologia em movimento há também representatividade feminina transexual, como a Socióloga transexual australiana Raewyn Connell aparecendo com o seu conceito de masculinidade hegemônica. O livro didático também traz a sugestão do livro *O que é transexualidade?* da socióloga Berenice Bento.

Em 08 páginas (p. 128, 192, 209, 212, 213, 216, 294, 299), aparece *homossexuais*, que são pessoas que se atraem por outra do mesmo gênero, como sujeitos que historicamente foram perseguidos pelo nazismo, pessoas que não tem seus direitos respeitados, vítimas de preconceitos e por esta razão acabam por não poderem expressar sua identidade livremente. Que a partir de movimentos homossexuais nos anos 1980, eles discutiram e mudaram concepções em torno da sexualidade e política. Movimentos, esses, que saíram da exclusão e se mostraram a sociedade, onde se organizaram na luta por seus direitos, reivindicando-os e principalmente, lutando contra as desigualdades que sofriam.

Os *homossexuais* são apresentados como os marginalizados na sociedade que eram vistos como doentes. A visão posta é a de que essa ideia só muda em 1990, e que antigamente, seus espaços de socialização eram restritos a bares, tabernas e clubes secretos, e que constantemente eram alvos de investigação e repressão policial. Nos anos de 1970 e 1980 os mesmos sofreram ainda mais discriminação e estigmatização por conta do vírus da Aids que foi associado a eles, pondo-os como culpados pela proliferação do vírus. O livro didático também vai mostrar, através dos dados abaixo, que homossexuais negros sofrem ainda mais violência.

Figura 14 - Violência por identidade de gênero, orientação sexual e raça/cor



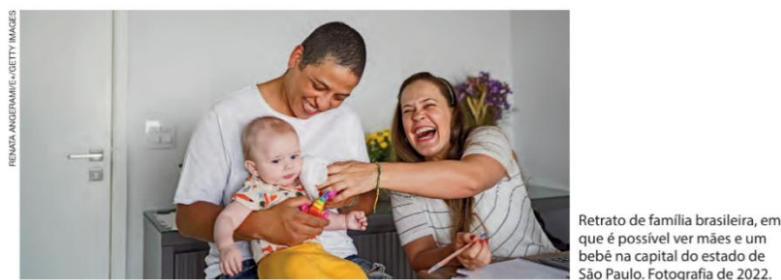
Fonte: Silva *et al.* Moderna plus sociologia em movimento. 2024, p. 216

Dá destaque também ao fato de pessoas homossexuais conseguirem por lei a aprovação da união estável e do casamento em países como Brasil, Argentina e Uruguai.

As *lésbicas* são citadas em 06 páginas (p. 192, 193, 206, 213, 214, 294), como pessoas vítimas de violência, discriminação, ameaça de morte e assassinatos no Brasil e em vários países, as mesmas são vistas por muitos como figuras masculinizadas, vistas também como uma ameaça para uma norma padrão da heteronormatividade dentro da sociedade. E que na década de 1990, elas foram um dos grupos que conquistaram espaço e visibilidade, e que junto com outras mulheres da América Latina romperam o silêncio, se mobilizaram e se organizaram em um movimento em defesa de suas causas específicas.

O livro traz uma importante representação das *lésbicas* como mães e constituindo família.

Figura 15 - Família brasileira



Fonte: Silva *et al.* Moderna plus sociologia em movimento. 2024, p. 193

Com relação aos *bissexuais*, estão presentes em 06 páginas (p. 192, 208, 209, 213, 216, 294), aparecem sob o termo bissexualidade, que é explicado no livro didático, como pessoas que se atraem por ambos os gêneros. Os mesmos também aparecem como sujeitos que não tem seus direitos respeitados, sofrem preconceitos, o que dificulta seus posicionamentos como realmente são. Também são vítimas de assassinatos no Brasil. E na década de 1990, junto com

outras identidades, conquistaram visibilidade. E que pessoas bissexuais negras sofrem ainda mais violência (ver figura 14).

A representação bissexual que o livro traz é a cartunista Laerte, que é uma mulher transgênero e bissexual.

Figura 16 - Cartunista transgênero e bissexual Laerte



Fonte: Silva *et al.* Moderna plus sociologia em movimento, 2024, p. 208.

Quanto aos *transgêneros*, aparecem em 06 páginas (p. 192, 207, 208, 209, 213, 294), citados como pessoas que não se identificam com o sexo atribuído no nascimento, sendo assim, o livro aborda que mulher transgênero é a pessoa que se identifica com o gênero feminino e reivindica o reconhecimento como mulher, e homem transgênero é a pessoa que se identifica com o gênero masculino e reivindica o reconhecimento como homem.

São pessoas que sofrem violência, discriminação e preconceito, pois não tem seus direitos respeitados, e que por esta razão acabam por não expressarem sua identidade, as mesmas também ganharam visibilidade pública na década de 1990.

O livro traz como representação do/a transgênero a cartunista Laerte que é uma mulher transgênero (ver figura 16) e também vai citar Monica Helms, a mulher transgênero que criou a bandeira do orgulho trans.

Também as ativistas Marsha Johnson e Sylvia Rivera que “organizaram as primeiras marchas do orgulho gay nos Estados Unidos e foram pioneiras em relacionar o movimento feminista às demandas de lésbicas, bissexuais, travestis, transexuais e transgêneros” (Silva et al, 2024, p. 213). O livro não menciona quem elas são no quesito identidade, mas segundo Santanna (2021) elas eram mulheres transgêneros.

Figura 17 - Marsha Johnson, no centro à esquerda, ativista da libertação gay



Marsha Johnson, no centro à esquerda, ativista da libertação gay, durante a Parada do Orgulho Gay, em Nova York, Estados Unidos. Fotografia de 1982.

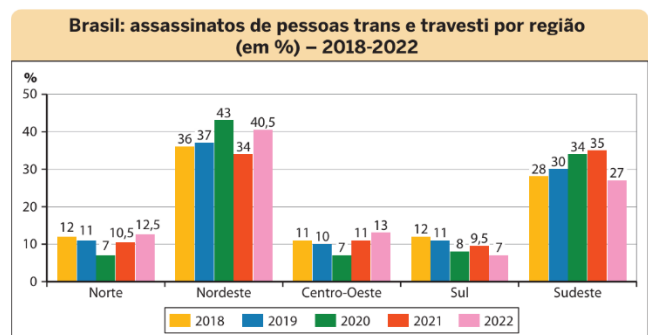
Fonte: Silva *et al.* Moderna plus sociologia em movimento. 2024, p. 213.

Em 06 páginas (p. 192, 197, 209, 213, 216, 294), são citadas as *travestis*, como pessoas que também não se identificam com o sexo atribuído no nascimento, e que o termo travesti:

Pode variar amplamente e não segue um padrão único, mas geralmente diz respeito a pessoas designadas como do sexo masculino ao nascimento e que assumem uma identidade de gênero mulher ou não binária. Trata-se de um termo presente no Brasil e em outros países da América Latina com uso muitas vezes associado à marginalização social e à resistência a ela (Silva *et al.*, 2024, p. 209).

São pessoas que também são vítimas de violência, discriminação e assassinatos no Brasil, conforme é ilustrado no gráfico.

Figura 18 - Assassinatos de pessoas trans e travesti no Brasil



Fonte: BENEVIDES, Bruna. **Dossiê:** assassinatos e violências contra travestis e transexuais brasileiras em 2022. Brasília, DF: Associação Nacional de Travestis e Transexuais, 2022. p. 32.

Fonte: Silva *et al.* Moderna plus sociologia em movimento. 2024, p. 294

Na década de 1990 ganharam mais visibilidade, podendo agora usar seu nome social. O livro também informa que as travestis negras sofrem mais violência do que as travestis brancas (ver figura 14).

Com relação aos *Trans*, são citados em 05 páginas (p. 207, 208, 214, 216, 294). Aparecem como pessoas que têm dificuldade em conseguir emprego, principalmente por conta própria, onde muitas só conseguem por indicação de alguém ou por uma vaga específica.

O livro também cita as mulheres trans da América Latina, no qual informa que as mesmas possuem protagonismo, visibilidade, que saíram do silêncio e que agora se mobilizam e se organizam por conta própria. Outro ponto importante, é sobre como mulheres e homens trans negros sofrem ainda mais violência do que mulheres e homens trans brancos (ver figura 14). E que as pessoas *Trans* são vítimas de assassinatos em várias regiões do Brasil (ver figura 18).

O livro faz a indicação do curta-metragem documental *A vida dos sonhos de Georgie Stone* que “retrata a luta da jovem ativista Georgie Stone pelos direitos das pessoas trans desde sua infância, detalhando a situação jurídica e midiática a que uma pessoa transgênero está submetida na Austrália” (Silva *et al.* 2024, p. 207).

O livro traz a imagem da bandeira trans.

Figura 19 - Bandeira do orgulho trans



Bandeira do orgulho trans em Londres, Reino Unido.
Fotografia de 2024.

Fonte: Silva *et al.* Moderna plus sociologia em movimento. 2024, p. 208.

Sobre os *gays*, os mesmos aparecem sendo citados em 04 páginas (p. 192, 206, 213, 294), como vítimas de violência, discriminação, ameaça de morte e assassinato no Brasil e em outros países. São considerados ameaça a heteronormatividade e associados aos padrões sociais do feminino. Destaca que a partir da década de 1990, houve rupturas na centralidade da homossexualidade masculina como sendo o centro do debate sobre sexualidade humana, a partir da reorganização de movimentos como o LGBTQIA+, de direitos civis e combate à discriminação e à homofobia, abrindo espaço para a visibilidade de outras identidades e sexualidades.

Os *Assexuais e Intersexo* estão presentes em 02 páginas do livro didático. *Assexuais* (p. 209 e 294), citados como pessoas que não sentem atração e nem desejo sexual, e que também

sofrem violência e discriminação. No que se refere aos *intersexo* (p. 209 e 294), os mesmos aparecem definidos como “pessoas com características anatômicas, genéticas e/ou hormonais que não correspondem às definições biológicas binárias de masculino ou feminino” (Silva *et al.*, 2024, p. 209), e que são vítimas de violência e discriminação.

E em 01 página, é registrado a *pansexualidade* (p. 209), que se refere a pessoas que sentem atração por outras, independente do gênero.

Os *Queer*, estão em uma página (p. 294). Assim como as outras identidades, são apresentados como pessoas que sofrem violência e discriminação.

Já os *não binários*, citados em uma página (p. 209), são mencionados quando o livro está descrevendo sobre o termo travesti, onde diz que é um termo que geralmente está relacionado a pessoas que foram designadas como do sexo masculino ao nascer, e que assumem uma identidade de gênero mulher ou *não binária*.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados que obtivemos a partir da descrição das representações dos LGBTQIAPN+, informam que no livro didático A (Sociologia em movimento do PNLD 2018) as identidades e sexualidades LGBT (sigla usada pelo livro) aparecem sendo citadas em partes de conteúdos como: etnocentrismo (faz referência a homofobia), preconceito (cita homossexuais), interculturalidade (homossexuais), nazismo (homossexuais), direitos humanos (homossexuais), movimentos sociais (homossexuais/LGBT), movimento LGBT (os LGBT⁷), gênero, sexualidade e identidade (LGBT⁸).

Entende-se que o livro A aborda os homossexuais em cinco tópicos de destaque, porém o uso desse termo genérico (homossexuais) invisibiliza outras identidades e sexualidades ao não citadas, como lésbicas, bissexuais, trans, entre outras.

O livro traz importantes representações para essa comunidade, como a família homoafetiva de lésbicas e gays, mulheres transexuais sendo sociólogas, cartunistas, que atuam no mercado de trabalho, no mundo dos negócios. A imagem de um menino negro transgênero, a imagem da parada do orgulho LGBT configuram representações positivas dessa comunidade.

⁷ Lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, travestis, transgêneros, trans, *queer*.

⁸ Lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, transgêneros, trans, travestis, intersexuais, andróginos, assexuais, pansexuais.

Observamos também que há representatividade de pessoas da comunidade LGBT com traços fenotípicos de brancas, negras e asiáticas.

Identificamos que algumas sexualidades e identidades LGBT tem menor visibilidade como as travestis, andróginos, intersexuais, pansexuais, assexuais e *queer* são os que menos aparecem, são sexualidades e identidades que também reivindicam visibilidade.

Identificamos também que nesse livro a sigla usada para se referir as sexualidades e identidades LGBTQIAPN+, do contexto atual, é LGBT ou LGBTQ+ (sigla usada uma vez no livro, p. 351). Muito embora a sigla usada não seja a mais atual são várias identidades e sexualidades citadas, no total somam 13 identidades e sexualidades presentes neste livro didático (homossexuais, transexuais, transgêneros, gays, lésbicas, bissexuais, trans, travestis, andróginos, intersexuais, pansexuais, assexuais e *queer*).

A presença dos LGBT no livro A é evidente e significativa, estando presentes em partes específicas do livro, e o mesmo informa quem são essas pessoas, o que elas viveram/vivem, e o que reivindicam. Então, mesmo que de forma pouco aprofundada, discorre e ilustra essas pessoas.

No livro didático B (Moderna plus: sociologia em movimento do PNLD 2026), a presença das identidades e sexualidades pertencentes a comunidade LGBTQIA+ (sigla usada pelos autores) são citadas de forma direta, mas não em todo o livro, e sim na apresentação de temas específicos como: preconceito (cita LGBTQIA+), interculturalidade (LGBTQIA+), nazismo (homossexuais), gênero, sexualidade e identidade (LGBTQIA+⁹), violência (LGBTQIA+), movimentos sociais (LGBTQIA+¹⁰) e movimento LGBTQIA+ (LGBTQIA+¹¹), diferente do livro A, no livro B, os autores fizeram importantes atualizações ao mencionar diretamente os LGBTQIA+ nas temáticas aos invés do termo genérico homossexuais como constava na edição anterior, pois a sigla LGBTQIA+ visibiliza outras identidades.

O livro também traz importantes representações textuais e visuais como mulher transexual sendo socióloga, casais homoafetivos formando família com filhos, mulher transgênero como cartunista e ativista. Mulheres lésbicas e trans ganhando mais visibilidade e protagonismo, há representatividade étnica/racial negra e branca, assim como imagem do movimento LGBTQIA+.

⁹ Lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, transgêneros, travestis, trans, intersexo, assexuais, pansexuais, não binária.

¹⁰ Lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, travestis, transgêneros.

¹¹ Lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros, transexuais, travestis, *queer*, intersexo, assexuais.

Identificamos também que algumas sexualidades e identidades LGBTQIA+ ganharam pouca visibilidade como assexuais, intersexo, pansexuais, *queer* e não binárias, pois consideramos ser sexualidades e identidades que também merecem atenção e representatividade.

Identificamos atualização na sigla LGBTQIAPN+ que no livro aparece como LGBTQIA+, e mesmo com limitação, identificamos no total 13 identidades e sexualidades (transexuais, homossexuais, lésbicas, bissexuais, transgêneros, travestis, trans, gays, assexuais, intersexo, pansexuais, *queer* e não binária), assim o livro vai além do que a sigla pode limitar.

O registro das sexualidades e identidades LGBTQIA+ no livro é significativa, mas não frequentes, pois estão vinculados a eixos temáticos específicos que dão abertura para tratar dessas identidades. Entretanto, estão sendo mencionadas, falando quem são, seus feitos e posições que estão ocupando dentro da sociedade.

Fazendo aproximações entre os dois livros didáticos, identificou-se que o livro didático A e B dispensam atenção, principalmente, aos grupos: Homossexuais, Transexuais, e LGBT, ambos discorrem de forma mais abrangente nestas categorias. E que tanto na dimensão da problematização quanto no quantitativo (número de páginas em que são citados) algumas identidades e sexualidades ganharam pouca visibilidade. Como importante instrumento de ensino o livro didático não deveria negligenciá-las.

Os dois livros didáticos trazem representações textuais (escrita) e visuais (imagens, tabelas, quadros) referente as identidades e sexualidades LGBTQIA+.

Observou-se também que nos dois livros didáticos utilizou a palavra “Trans” ou “Pessoas/movimento/mulher Trans” no qual impõe dificuldade no entendimento sobre a quem está se referindo, pois não explicam quem são Trans, portanto fica a dúvida se estariam se referindo aos transexuais, transgêneros ou outras identidades. Em detrimento disso, interpretamos que quando aparecesse essa palavra, ela estaria dentro da categoria *Trans*. No livro A aponta que está relacionado aos transexuais e travestis e no livro B entende-se que está relacionado aos transexuais e transgênero. Denominar as identidades distintas é imprescindível para que nos processos de ensino e aprendizagem os alunos não fiquem na dúvida sobre a quem e como se referir corretamente.

Outra questão relevante é que as discussões referentes as identidades e sexualidades LGBTQIAPN+ citadas de forma genérica deixa dúvidas nos leitores sobre a quem exatamente cada termo está se referindo. Quando usa o termo Homossexuais, está se referindo aos gays ou as lésbicas ou ambos? Quando usa Pessoas Trans? Quem são exatamente? E os Transgêneros? São termos guarda-chuva, correto?.

Os livros didáticos A e B, também utilizam a palavra “gay” de forma genérica para se referir as outras identidades, frases como: “Os movimentos de gays” (Silva *et al.* 2016, p. 350) (Livro A); e, “Orgulho gay” (Silva *et al.*, 2024, p. 212) (Livro B).

E as outras identidades e sexualidades? Como as travestis, assexuais, intersexo, pansexuais, *queer*, não binária e muitas outras que podem conquistar o direito e a liberdade de existir e se manifestar? A pergunta que fica é se há intencionalidade nos livros didáticos em não discorrer de forma mais específica sobre elas. Detalhando suas realidades, suas histórias.

Destacamos que mesmo com representações limitadas, genéricas e dando mais visibilidade a algumas identidades e sexualidades e a outras não, temos um lado positivo com relação aos dois livros didáticos, que é a abordagem sobre as pessoas da comunidade LGBTQIAPN+, pois, ambos discorrem um pouco sobre quem são, sua historiografia e vivências, como o preconceito, discriminação, homofobia, transfobia, a luta por direitos, o movimento que fazem parte, os assassinatos, dando atenção em como o Brasil é um lugar perigoso para essas identidades, as mudanças e conquistas que as mesmas estão alcançando. E trazendo também imagens e a inclusão de pessoas dessa comunidade dentro dos livros didáticos.

Algo que a pouco tempo nem existia em discussão dentro da escola e no currículo e que era visto e (ainda é) como um assunto que não deveria ser falado ou mostrado, sob forte repressão de conservadores (Nogueira *et al.*, 2020). Como nos diz Louro (2015, p. 28) “Hoje, as chamadas “minorias” sexuais estão muito mais visíveis e, conseqüentemente, torna-se mais explícita e acirrada a luta entre elas e os grupos conservadores”.

Como está previsto na Base Nacional Comum Curricular, nos Temas Contemporâneos Transversais e no Programa Nacional do Livro e do Material Didático, arcabouços legais que põem na educação práticas de ensino voltada ao respeito, combate à preconceitos e discriminações e a abertura para tratar de temas sensíveis e evitados pela sociedade, acreditamos que a educação está avançando aos poucos de forma inclusiva e diversificada, pondo em discussão questões de raça/etnia, gênero, sexualidade e direitos humanos. Esses avanços, além de promover a inclusão e o respeito, faz também com que alunos LGBTQIAPN+ se vejam incluídos e representados, bem como também se vejam apoiados pela escola e pela educação.

Como Pino (2017) aponta, entender que há diferentes sexualidades, respeitar e garantir espaço em ambientes escolares é de grande importância para que haja transformação social, reflexão crítica, e contribui para compreensão dos alunos de que o outro, mesmo tendo características diferentes, também têm direitos e precisa ser respeitado.

Como pertencentes a essa comunidade acreditamos que ao fomentar discussões sobre os LGBTQIAPN+ na escola e nos livros didáticos contribui para que os alunos entendam que

eles devem ser respeitados na sua identidade de gênero, orientação sexual e expressão de gênero, enfrentando assim concepções de sociedade LGBTQIAPN+fóbica e heterossexista.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da análise dos livros didáticos: sociologia em movimento do PNLD 2018 e Moderna plus: sociologia em movimento do PNLD 2026 foi possível identificar que em ambos os livros didáticos encontramos a presença de várias identidades e sexualidades LGBTQIAPN+ dentro de conteúdos específicos como: preconceitos, interculturalidades, nazismo, direitos humanos, gênero, sexualidade e identidade, violência, movimentos sociais e movimentos LGBTQ+.

Observou-se que, embora os livros didáticos estejam discorrendo sobre esses sujeitos, ainda existem limitações em como eles estão sendo abordados, restritos a temáticas específicas e pouco aprofundadas, visto que há problemática quando os livros didáticos tendem a preferir discutir certas identidades e sexualidades LGBTQ+ em detrimento da invisibilidade de outras. A ausência da voz dos próprios sujeitos invisibilizados pode ser indicativo de que o debate sobre o tema precisa ser apresentado com o protagonismo dos próprios sujeitos em questão, o que implica pensar a linguagem e o tipo de material a ser produzido e utilizado.

Isso demonstra que apesar dos avanços na inclusão dos LGBTQIAPN+ dentro dos livros didáticos ainda há a necessidade de ampliar e aprofundar as discussões com relação a eles, bem como contemplar de forma igualitária todas as identidades, para que assim haja o respeito e a inclusão desse público.

É necessário que os livros didáticos trabalhem para garantir uma inclusão mais ampla e respeitosa dos LGBTQIAPN+, pois são pessoas que participam ativamente da sociedade e interferem na economia, política, educação, meio ambiente, cultura, que fazem parte do meio midiático, empresarial, artístico e intelectual, desta forma deveriam ser abordados não apenas em temas que os descrimina de forma negativa, mas como construtores de uma sociedade inclusiva e respeitosa.

Mesmo havendo resistências e até perseguições por parte de setores mais conservadores da sociedade à discussão sobre o tema dentro das escolas, a perspectiva sociológica tem se mostrado promissora, quanto a abordagem de temas tabus, visto que as identidades dos LGBTQIAPN+ são problematizadas por esse campo do conhecimento, não só na educação básica, mas se firmam como temas de trabalhos de conclusão de cursos de formação de professores/as.

Reforçamos ser importante, ter na escola e nos materiais didáticos conteúdos e representações dessa comunidade, para que os alunos aprendam a história e a realidade de vida dessas pessoas, e que assim possam ser indivíduos conscientes e respeitosos dessas diversas identidades.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, A. M.; LIMA, J. G. S. A. A relevância do ensino de sociologia e de filosofia para a formação dos jovens no século XXI. **HOLOS**, ano 31, v. 4, 2015.

BRAGA, Fernando. Conservadorismo, liberalismo e social-democracia: um estudo de direito político. **Revista de Informação Legislativa**, Brasília, ano 34, n. 133, jan./mar. 1997.

BRASIL. **Gênero e diversidade sexual na escola: reconhecer diferenças e superar preconceitos**. Brasília: Ministério da Educação, 2007.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Programa Nacional do Livro e do Material Didático**. Edital de convocação nº 02/2024 – CGPLI. PNLD Ensino Médio 2026-2029. Anexo 1: Referencial pedagógico. Brasília, 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/mec/pt-br/pnld/editais>. Acesso em: 1 nov. 2025.

BRASIL. Ministério da Educação. Programa Nacional do Livro e do Material Didático. **Como funciona**. Brasília, DF, 28 maio 2025. Disponível em: <https://www.gov.br/mec/pt-br/pnld/como-funciona>. Acesso em: 1 nov. 2025.

BRASIL. Ministério da Educação. **Temas Contemporâneos Transversais na BNCC: contexto histórico e pressupostos pedagógicos**. Brasília, DF: Ministério da educação, 2019.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Políticas de Saúde. Coordenação Nacional de DST e Aids. O movimento homossexual e a aids. In: _____. **Guia de prevenção das DST/Aids e cidadania para homossexuais**. Brasília: Ministério da Saúde, 2002.

BRASIL. **Plano nacional de promoção da cidadania e direitos humanos de LGBT**. Brasília, DF: Secretaria Especial dos Direitos Humanos, 2009.

BRASIL. Presidência da República. Secretaria Especial dos Direitos Humanos. **Anais da conferência nacional de gays, lésbicas, bissexuais, travestis e transexuais – GLBT**. Brasília, DF: Secretaria Especial dos Direitos Humanos, 2008.

CARNEIRO, Ailton José dos Santos. Salvador dos homossexuais: militância homossexual e homossociabilidade na Bahia nos anos 1980. **Temporalidades**, Belo Horizonte, v. 7, n. 3, set./dez, 2015.

COFRÉ, Ingeborg Anni Rulf; BORTOLOTO, Claudimara Cassoli. Sociologia no ensino médio: qual a importância do seu ensino? **Revista EDUCamazônia**, v. 25, n. 2, p. 123-141, jul./dez, 2020.

COSTA, Manoel dos Santos; ALLEVATO, Norma Suely Gomes. Livro didático de matemática: análise de professoras polivalentes em relação ao ensino de geometria. **Vidya**, Santa Maria, v. 30, n. 2, p. 71-80, jul./dez. 2010.

DENIS, Leon. Diversidade sexual: o que é? *In*: FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico (org.). **Homossexualidade e educação sexual**: construindo o respeito à diversidade. Londrina: UEL, 2007. p. 9-10.

FACCHINI, Regina. Movimento homossexual no Brasil: recompondo um histórico. **Cadernos AEL**, v. 10, n. 18/19, 2003.

FACCHINI, Regina. **Sopa de letrinhas?**: movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 1990. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

FERNANDES, Marisa. Ações lésbicas. *In*: GREEN, James N. *et al.* (org.). **História do movimento LGBT no Brasil**. 1. ed. São Paulo: Alameda, 2018. p. 91-120.

FREITAS, Maria Cristina Leal de; FRANÇA, Carlos Eduardo. História da sociologia e de sua inserção no ensino médio. **MovimentAção**, v. 3, n. 5, p. 39-55, 2016.

GIDDENS, Anthony. **Sociologia**. 6. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2008.

GOMES, Deivide Eduardo de Souza; BEZERRA, Ada Kesea Guedes. O jornal lampião da esquina (1978-1981) nas pesquisas brasileiras em comunicação: uma revisão de escopo. **Revista Alterjor**, ano16, v. 01, ed. 33, jan/jun, 2026.

GREEN, James N. *et al.* **História do movimento LGBT no Brasil**. 1. ed. São Paulo: Alameda, 2018.

GREEN, James N. “Mais amor e mais tesão”: a construção de um movimento brasileiro de gays, lésbicas e travestis. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 15, p. 271-295, 2000.

HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro: PUC-Rio; Apicuri, 2016.

HATUGAI, Érica Rosa. **Metodologia do ensino de sociologia**. Londrina: Editora e Distribuidora Educacional S.A, 2017.

JESUS, Beto *et al.* **Diversidade sexual na escola**: uma metodologia de trabalho com adolescentes e jovens. Ed. Especial, revista e ampliada. São Paulo: ECOS, 2008.

LIMOEIRO, Beatrice Cavalcante. Gênero e sexualidade como temas da sociologia escolar: uma comparação entre livros didáticos (PNLD 2012 e 2015). **Revista Perspectiva Sociológica**, 2017.

LIONÇO, Tatiana; DINIZ, Debora. Homofobia, silêncio e naturalização: por uma narrativa da diversidade sexual. In: _____ (org.). **Homofobia & educação: um desafio ao silêncio**. Brasília: LetrasLivres; UnB, 2009. p. 47-71.

LIONÇO, Tatiana; DINIZ, Debora. Qual a diversidade sexual dos livros didáticos brasileiros? In: _____ (org.). **Homofobia & educação: um desafio ao silêncio**. Brasília: LetrasLivres; UnB, 2009. p. 9-13.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis: Vozes, 1997.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

MARTINS, Carlos Benedito. **O que é sociologia**. 38ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

MASSUNAGA, Magda Rigaud Pantoja. **O Colégio Pedro II e o ensino secundário brasileiro: 1930-1961**. 1989. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de educação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1989.

MEUCCI, Simone. **Introdução à sociologia**. Curitiba: UFPR, 2024.

MEUCCI, Simone. Sobre a rotinização da sociologia no Brasil: os primeiros manuais didáticos, seus autores, suas expectativas. **Mediações**, Londrina, v. 12, n. 1, p. 31-66, jan/jun. 2007.

MOLINA, Luana Pagano Peres. A homossexualidade e a historiografia e trajetória do movimento homossexual. **Antíteses**, v. 4, n. 8, p. 949-962, jul./dez. 2011.

MORAES, Elaine Cristina Gomes de; SOARES, Murilo Cesar. O movimento homossexual no Brasil: construção da identidade, eventos e visibilidade mediática. **Comunicação & Inovação**, São Caetano do Sul, v. 14, n. 26, p. 36-44, 2013.

NOGUEIRA, Leonardo; PEREIRA, Maysa; TOITIO, Rafael. **O Brasil fora do armário: diversidade sexual, gênero e lutas sociais**. 1.ed.- São Paulo: Expressão Popular, Fundação Rosa Luxemburgo, 2020.

PEYNEAU, Arthur Cardoso *et al.* O livro didático: sua importância para a educação. **Revista Multidisciplinar do Nordeste Mineiro**, v3, 2022.

PINO, Aline Muras de Oliveira. **Diversidade sexual e educação: uma relação de desafios e possibilidades**. Natal: IFRN, 2017.

QUEIROZ, Pedro Vitor de; SOUSA, Altamir Fernandes de. O movimento homossexual e a luta pela despatologização da homossexualidade no Brasil a partir de 1970. **Revista Pergaminho**, v. 14, p. 116-133, 2024.

REIS, Toni. O movimento homossexual. *In*: FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico (org.). **Homossexualidade e educação sexual**: construindo o respeito à diversidade. Londrina: UEL, p. 89 – 91, 2007.

RÊSES, Erlando da Silva. **...E com a palavra**: os alunos estudo das representações sociais dos alunos da rede pública do distrito federal sobre a sociologia no ensino médio. 2004. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade de Brasília, Brasília-DF, março de 2004.

SANTANNA, Marcos Jesus de. Drag queens e drag kings: uma exposição sobre a arte revolucionária e transgressora das drags madame satã, elke maravilha, marsha p. Johnson, sylvia rivera e gladys bentley. **Revista Humanidades e Inovação**, v.8, n.59, 2021.

SANTOS, Luciano Pereira dos. Percepções de discentes da EJA sobre homofobia. *In*: MACHADO, Gabriella Eldereti; OLIVEIRA, Valeska Maria Fortes de (org.). **Gênero, diversidade sexual e educação**. Rio de Janeiro: Eulim, p. 239-274, 2018.

SILVA, Afrânio *et al.* **Moderna plus sociologia em movimento**. 1. ed. São Paulo: Moderna, 2024.

SILVA, Afrânio *et al.* **Sociologia em movimento**. 2. ed. São Paulo: Moderna, 2016.

SILVA, Janael Sousa da. **O uso do vocabulário controlado para informação LGBTQIAP+ no portal brasileiro de publicações e dados científicos em acesso aberto (OASISBR)**, 2023. 54 f. Trabalho de conclusão de curso (Biblioteconomia) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2023.

SILVA, Luis Gustavo Moreira da; FERREIRA, Tarcísio José. O papel da escola e suas demandas sociais. **Projeção e Docência**. v.5, n.2. Dezembro, 2014.

SILVA, Márcia Barbosa. **Representação de homossexuais nos livros didáticos de história**. Aracaju: Edise, 2020.

TOMAZI, Nelson Dacio. **Sociologia para o ensino médio**. São Paulo: Saraiva, 2010.